

31º Encontro Anual da ANPOCS, de 22 a 26 de outubro de 2007,
Caxambu, MG

Seminário Temático 10: De eventos e mitos: biografias, memórias e histórias nas narrações urbanas contemporâneas

Andrea Ciacchi, Universidade Federal da Paraíba

**As testemunhas do silêncio:
Gioconda Mussolini entre lembranças e esquecimentos**

*Cielo e mar! L'etereo velo
splende come un santo altar.
L'angiol mio verra dal cielo?
L'angiol mio verra dal mare?*
(Amilcare Ponchielli, *Gioconda*)

1. Introdução

A relevância de Gioconda Mussolini para a antropologia brasileira é imensa e se desdobra em três direções. Primeiro, por ela ter protagonizado os primórdios do ensino na disciplina, numa instituição pioneira como a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, concorrendo para a formação de muitos cientistas sociais; segundo, pela sua contribuição ao campo da "antropologia da doença", através da sua dissertação de mestrado; finalmente, e sobretudo, o nome dela é referência fundamental para os estudos brasileiros sobre pesca, cultura e organização social de comunidades litorâneas em geral e populações caiçaras do litoral de São Paulo, em particular. O sub-campo disciplinar da antropologia da pesca tem no nome de Gioconda Mussolini uma espécie de "mãe fundadora". Suas pesquisas de campo ainda orientam os estudos de muitos pesquisadores contemporâneos.

Entretanto, as "histórias da antropologia brasileira" mal lembram dela. Nas palavras de alguns dos protagonistas dessa história, em oportunidades não-oficiais ou não academicamente relevantes (entrevistas, depoimentos, testemunhos pessoais), o nome de Gioconda aparece com destaque e, até, com afeto e reconhecimento pessoal e intelectual. Mas sem que se proceda a uma apreciação da sua obra publicada nem que se contextualize a sua atuação no panorama dos primórdios do ensino institucional da antropologia em São Paulo e no Brasil¹.

Assim, este artigo tem por objetivos: resenhar e ordenar essas "falas" e arrancar delas mais e mais; levar os testemunhas a falar mais alto, até ser ouvidos pela História da Antropologia Brasileira; buscar outras narrativas sobre Gioconda, refletir sobre essa estranha relação entre testemunhos privados e silêncios oficiais.

Definir a posição de Gioconda Mussolini no campo brasileiro da antropologia é também o objetivo deste estudo². Essa definição parece-me depender da observação de duas esferas – distintas e articuladas – da atuação de Gioconda: a professora de antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, de 1944 a

¹ Entre as poucas exceções, as mais relevantes são a entrevista concedida por José de Souza Martins a Luiz Carlos Jackson, "*Os Parceiros do Rio Bonito e a sociologia na Universidade de São Paulo*", in: MARTINS, José de Souza, *Florestan. Sociologia e consciência nacional no Brasil*, São Paulo, Edusp, 1998, p. 109-144; e o artigo de Fernanda Arêas Peixoto e Júlio Assis Simões, *A Revista de Antropologia e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates*, *Revista de Antropologia*, 46 (2), 2003, pp. 383-409. Esses dois textos, aliás, constituem o ponto de partida da leitura que estou empreendendo da produção acadêmica de Gioconda, a ser apresentada na XII ABANNE (Aracaju, outubro de 2007).

² Este trabalho, desdobramento de comunicação oral apresentada no Grupo de Trabalho "Balanço e perspectivas da antropologia da pesca no mercosul", na VII RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul (Porto Alegre, 23 a 26 de julho de 2007) apresenta apenas uma parte dos resultados parciais de um eixo da minha pesquisa de pós-doutorado, desenvolvida no Departamento de Antropologia da Unicamp. A pesquisa geral é dedicada ao delineamento dos elementos constituintes do campo da antropologia da pesca ou marítima, no Brasil, desde o começo do século xx.

1969; e a autora de alguns textos seminais e inaugurais para aquilo que se tentará definir como campo brasileiro da “antropologia da pesca”. Como pano de fundo de tudo, aqui (a justificativa para esta pesquisa, a “participação” que provavelmente nem sempre estará disfarçada no meu observar e ouvir, a insistência e até mesmo a repetição de alguns pormenores biográficos, a busca talvez obsessiva por todos os atalhos e ligações possíveis para a rede de contatos pessoais e institucionais de Gioconda, e muito mais), está o sentimento de que já não podia mais demorar a ser revisitada a trajetória biográfica e intelectual daquela que foi a primeira mulher brasileira a fazer do ensino da antropologia social e cultural o seu destino profissional. Um destino que, algo teatralmente, verá a sua morte em cena, poucos minutos depois de ter ministrado a sua última aula, nos barracões do novo e ainda precário campus da USP, em 28 de maio de 1969.

Abordo essa trajetória³ a partir de um ponto de vista sugerido pelas duas trilhas principais da minha pesquisa: as lembranças e as opiniões dos vários amigos, ex-alunos e colegas de Gioconda, por mim entrevistados⁴; e alguns poucos documentos oficiais, entre os quais se destaca um *curriculum vitae* redigido por ela, em 1965, quatro anos antes da sua morte. Esse ponto de vista considera, inicialmente, a indissolubilidade entre a produção de Gioconda e os acontecimentos da sua vida. Tanto o tamanho relativamente reduzido desse conjunto de artigos quanto a singular densidade dos resultados ali alcançados parecem vincular-se, sobretudo, às tarefas docentes a que ela se

³ Não trato, neste artigo, da produção escrita de Gioconda Mussolini relativa aos seus estudos de campo sobre pesca e pescadores, que é objeto de outro trabalho, em andamento.

⁴ Antonio Candido, João Baptista Borges Pereira, Renate Viertler, Antonio Carlos Diegues, Paula Bieguelman, Roberto Gambini, Ruth Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, Lourdes Sola, Pedro Paulo Poppovic, Amadeu Lanna, Manoel Tosta Berlinck, Antonio Augusto Arantes, em encontros que aconteceram de novembro de 2005 a junho de 2007. A todos, aqui, o meu agradecimento.

dedicou, desde 1944 até o dia da sua morte, e ao seu perfil de egressa do curso de Ciências Sociais da USP mas que recebeu uma influência decisiva nos anos do mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1941-1945). O papel desempenhado por Gioconda na Cadeira de Antropologia⁵, inserida desde 1948 no Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foi um dos motivos de certa amargura existencial, com raízes pessoais e profissionais, à qual logo se aliou um forte sentimento autocrítico, de cobrança a si mesma, de acordo com as lembranças de todos aqueles que a conheceram e freqüentaram. Para Antonio Candido⁶, ela “era sensível, inquieta e insatisfeita, sobretudo consigo mesma. [...] a sua vida mental foi exigente e angustiada”. Amadeu Lanna fala de “excesso de senso crítico”, de alguém que “exigia muito dela própria”⁷. Os depoimentos de João Baptista Borges Pereira e Ruth Cardoso⁸ têm o mesmo teor. Mas, ao lado desse traço da sua personalidade, há, provavelmente, a crescente aflição que lhe deriva do passar dos anos, na Faculdade. Para esclarecer esse dado, que ainda está longe de ser pacífico entre os que a conheceram, convém percorrer algumas etapas da trajetória de Gioconda.

A partir de agora, mergulho na vida de uma moça filha de imigrantes italiano, na São Paulo pré- e pós-modernista, num emaranhado de narrativas e memórias que, às vezes, mas raramente, se

⁵ Sobre as vicissitudes institucionais desta cadeira, assim como para a relação dos docentes e pesquisadores que por elas passaram, de 1941 a 1978, vide MACIEL, Alba Costa; ANDRADE, Diva & VALE, Eunides do. “A Antropologia na Universidade de São Paulo: histórico e situação atual”. *Revista de Antropologia*, vol. 21, 1ª parte, São Paulo, USP-FFLCH-DCS, 1978, pp. 117-43.

⁶ CANDIDO, Antonio, “Prefácio”, in: MUSSOLINI, Gioconda, *Ensaio de Antropologia indígena e caiçara*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p. 9.

⁷ Entrevista em 30 de maio de 2007. Amadeu Lanna foi orientando de Gioconda e, posteriormente, seu colega na Cadeira de Antropologia.

⁸ Ambos foram alunos e, mais tarde, colegas de Gioconda na FFCL. Entretanto, nos últimos anos, colocaram-se em campos opostos quando a disputa pela sucessão ao posto de Egon Schaden se tornou mais acirrada.

juntam à escassa documentação oficial. Parece-me que aqui se configura uma polifonia desafinada, de contrapontos assimétricos. Há um coro de vozes simpáticas e saudosas, entre os quais, porém, também figura a voz de quem, provavelmente, ainda que não tenhamos certeza disso, teve o papel de algoz. Há a própria voz da vítima, da heroína, fria de morte e de burocracia, ao mesmo tempo. E há uma espécie de barulho de fundo, um baixo-contínuo – a narrativa das cidades e as narrativas nas cidades. O porto de Santos, os bairros da infância de Gioconda, os prédios das escolas e das escolinhas onde estudou e onde lecionou, a Vila Pompéia, a própria rua Maria Antônia. E há silêncios, esquecimentos, talvez reticências. Todos, aqui, sem exceção, participaram de um período “heróico” da antropologia paulista e brasileira, mas um período também pontuado por disputas e enfrentamentos. Alguns deles me disseram que tudo isso tem ares de romance policial. Eu já estou achando que está mais para *opera buffa*, porém sem final feliz. Pretendo também, aqui, reencená-la em forma de *grand opéra*, fazendo uma leitura que não desdenhe “as pequenas informações, as intrigas de bastidores, as ‘acusações de bruxaria’, enfim, as vinculações políticas, num sentido amplo, dos atores envolvidos nesta história”, como o fez e disse Mariza Corrêa⁹ para Nina Rodrigues e a sua escola. Espero, em outro momento, contribuir para o esclarecimento de alguns recantos mal iluminados no campo acadêmico da antropologia no Brasil.

2. Velas ao longe.

⁹ CORRÊA, Mariza, *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998, p. 27.

Gioconda Mussolini nasce em 15 de novembro de 1913, em São Paulo, provavelmente na Luz ou no Brás¹⁰. Seu pai, Umberto Mussolini, teria desembarcado no porto de Santos, provavelmente em companhia do avô de Gioconda, Silvio, no dia 4 de julho de 1886¹¹. Umberto, que casaria com uma moça brasileira, Adalgisa Veiga – “mulata”, como é definida por vários amigos de Gioconda que a conheceram – terá sete filhas e nenhum filho: Norma (nascida em 1908), Aida (1910), Gioconda¹² (1913), Yone (1915), Irma (1917), Aridé (1921) e Adalgisa (1928). Todas casadas, menos Gioconda, que moraria por muitos anos com uma irmã mais moça, Irma, seu cunhado e seu amado sobrinho, Silvinho, num sobrado da Rua Barão de Bananal, 1444, na Vila Pompéia.

A menina Gioconda inicia seu curso primário no “Grupo Escolar Regente Feijó”, no Bom Retiro e o conclui na “Escola Modelo do Brás”. Esta escolha já apontava para uma vocação voltada para o magistério:

Em São Paulo, a difusão dos ideais anarquistas nos meios operários está na base da criação de duas escolas, uma no bairro do Belenzinho, em 1912 e outra no Brás, em 1918, que têm como modelo a Escola Moderna, fundada em 1901 pelo educador espanhol Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909). Nesses bairros - com grande concentração operária e imigrante, e um número significativo de fábricas e oficinas - funcionam, desde o fim do século XIX, algumas escolas modelos,

¹⁰ A hipótese baseia-se, como veremos, também na localização das escolas onde ela cursou o ensino primário. A partir de agora, muitas informações biográficas sobre Gioconda são retiradas de um *Curriculum Vitae* redigido e assinado por ela, em 1965, e conservado numa pasta de processos do protocolo da FFLCH/USP. Agradeço a gentileza das funcionárias Maria da Luz e Kelly que me facilitaram o acesso a esse e outros documentos, mesmo em período de greve e a Dimitri Silva e Claudinei Spirandelli, alunos do PPGS da USP que me indicaram esse e outros caminhos das pedras.

¹¹ Não foi possível conhecer a idade de Umberto ao chegar ao Brasil nem o local da origem da família, na Itália.

¹² *Norma*, *Aida* e *Gioconda* são os títulos de três famosas óperas líricas italianas, respectivamente de Vincenzo Bellini (1801-1835), Giuseppe Verdi (1813-1901) e de Amilcare Ponchielli (1834-1886). Por uma curiosíssima casualidade, o *libretto* da *Gioconda* (1876), de autoria de Arrigo Boito e baseado num drama de Victor Hugo (*Angelo, tyran de Padoue*), possui numerosos elementos que remetem ao mundo do mar e da pesca. Adalgisa, por sua vez, é também o nome de uma personagem da *Norma*.

pensadas como laboratórios para formação de professores. Como, por exemplo, a Escola Modelo do Brás, inaugurada em 1898, em edifício projetado por Ramos de Azevedo¹³.

De fato, em 1927 e 1928 frequenta o Curso Complementar da Escola Normal “Padre Anchieta”, ainda no Brás, onde, em 1932, se formaria como “professora normalista”. Logo em seguida, em 1933 e 1934, passa pelo Curso de Aperfeiçoamento de professores primários que funcionava no prédio imponente do Instituto de Educação “Caetano de Campos”, na Praça da República, e que equivalia aos dois primeiros anos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia da USP. O Instituto, um marco na história da educação pública paulistana, acolhia, nesses anos, crianças que se tornariam famosas, e procedentes de camadas mais abastadas, provavelmente, que a de Gioconda, como a futura escritora Lygia Fagundes Telles, ou a última mulher de Oswald de Andrade, Maria Antonieta d’Alkmin – o que deve apontar para um aumento das possibilidades e perspectivas sociais da família Mussolini. Mas já em 1933 ingressa no magistério, no “Grupo Escolar de Parquera-Assu”, então distrito rural de Jacupiranga, no litoral sul do estado, e emancipado desde 1953. A permanência na região do baixo Vale do Ribeira é interrompida, como veremos, pela admissão no Curso de Ciências Sociais da USP, em 1935, mas a jovem professora Gioconda só passará a ser lotada na capital em 1936, quando ela é “removida, por concursos de notas obtidas no diploma do Curso de Aperfeiçoamento supra-mencionado”, para o grupo escolar “Vila Prudente”, no bairro homônimo, onde voltará a lecionar assim que terminar a sua licenciatura, em 1938. Na realidade, como veremos, as atividades de Gioconda como professora

¹³ Acesso em 01/06/2007:

www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=instituicoes_texto&cd_verbete=5397

primária encerram-se nesse ano. 1938 é a data que marca o seu ingresso definitivo nos quadros da Universidade de São Paulo.

3. Mar de dentro

Em 1935 Gioconda entra na Seção de Ciências Sociais da recém criada Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP¹⁴, como integrante da segunda turma de ingressantes naquela instituição e como “professora primária comissionada”¹⁵, ou seja, dispensada, com vencimentos, das suas atividades docentes, desempenhadas, como vimos, na pequena Jacupiranga. Terá pertencido àquele “grupo de jovens, animado de grande ardor para o trabalho, conhecendo perfeitamente as suas possibilidades, mas sabendo também que, antes de mais nada, são professores e que por esta razão foram enviados à Faculdade”, na definição de um dos seus professores, Pierre Monbeig¹⁶. Mulher, e com sobrenome¹⁷ imigrante, Gioconda Mussolini encaixa-se bem no perfil dos alunos da FFCL a partir do seu segundo ano de funcionamento, um grupo social bem distante do preconizado pelos seus mentores, e também bem distinto do perfil daqueles que se encaminhavam para as antigas

¹⁴ A literatura relativa à criação da FFCL, ao seu contexto político, histórico e cultural, assim como aos primeiros anos do seu funcionamento, seus mentores, alunos e professores já é muito ampla. Seleciono, para uma primeira abordagem, os trabalhos de Miceli, Limongi, Arruda, Peixoto, contidos nos dois volumes da *História das ciências sociais no Brasil*, organizada por Miceli; e o livro de Heloísa Pontes (*Destinos Mistos; os críticos do Grupo Clima em São Paulo - 1940-1968*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998). Já os dados relativos à carreira acadêmica de Gioconda Mussolini estão, parcialmente, em ARANTES (“20 anos da morte de Gioconda Mussolini”. *Boletim da ABA*, nº 7, out. 1989, p. 8) e CORRÊA (“A antropologia no Brasil (1960-1980)”, in: Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 2, p. 25-106) e no mencionado currículo de 1965.

¹⁵ Cfr. LIMONGI, Fernando. “Mentores e clientela da Universidade de São Paulo”. In: MICELI, Sergio (org.). *Histórias das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. 1. 2ª. ed. São Paulo, 2001.

¹⁶ *Apud Ibidem*, p. 191.

¹⁷ A essa altura (1935), um sobrenome já muito “sonoro”: Benito Mussolini conquistara o poder na Itália em 1924 e já é aliado de Getúlio Vargas.

faculdades profissionais já existentes¹⁸: os “filhos da elite” paulista. Em depoimento, Antonio Candido narra, ainda, sobre a existência de dois grupos, na Faculdade de Filosofia: “os rapazes e moças de famílias de classe média mais ou menos arranjada, em geral filhos de profissionais liberais, fazendeiros comerciantes, altos funcionários, que só estudavam e não trabalhavam. E havia os professores primários comissionados [...] dos quais saíam alguns dos seus [da Faculdade] mais brilhantes professores”¹⁹.

Seja como for, Gioconda assiste às aulas – em francês – dos professores da “missão francesa”²⁰: Paul Arrousse-Bastide e Claude Lévi-Strauss (Sociologia), Pierre Monbeig (Geografia) e Jean Magüé (Filosofia). Entre os seus colegas, Gilda de Mello e Souza (então Moraes Rocha), Mário Wagner Vieira da Cunha, Ruy Coelho, Décio de Almeida Prado e Egon Schaden, este, procedente de uma família de origem alemã, de Santa Catarina, é destinado a desempenhar um papel de grande relevância na carreira de Gioconda. Pouco se sabe sobre esse período de estudos. Antonio Candido menciona um episódio (presenciado porém por sua mulher, Gilda²¹), envolvendo um mestre francês: o silêncio, demorado e constrangedor, de Gioconda, em pé, no meio da classe, numa sabatina do professor Lévi-Strauss à qual ela não consegue responder, paralisada pela angústia e pela humilhação. Curiosamente, o

¹⁸ *Ibidem*, p. 197.

¹⁹ Depoimento de Antonio Candido, in FREITAS, Sônia Maria de. *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, 1993, p. 41.

²⁰ Trata-se também de um aspecto hoje amplamente descrito e analisado. Vide, pelo menos, PEIXOTO, Fernanda Arêas, “Franceses e Norte-americanos nas Ciências Sociais brasileiras (1930-1960)”. In: MICELI (org.), *cit.*, p. 477-531, e o depoimento de Antonio Candido em PONTES, Heloísa. “Entrevista com Antonio Candido”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 47, 2001.

²¹ Comunicação pessoal; novembro de 2005. Na ocasião, a professora Gilda já se encontrava gravemente acometida pela doença que seria causa da sua morte, ocorrida menos de dois meses depois do meu encontro com o professor Antonio Candido.

nome de Gioconda figura na conhecida listagem do antropólogo em *Tristes Trópicos*:

“[...] Pensando em vós, segundo vosso costume, por vossos nomes de batismo tão barrocos para um ouvido europeu, mas cuja diversidade exprime o privilégio que foi ainda o de vossos pais, de poder livremente, de todas as flores de uma humanidade milenar, colher o viçoso buquê da vossa: Anita, Corina, Zenaida, Lavínia, Thaís, Gioconda, Gilda, Oneide, Lucilla, Zenith, Cecília, e vós, Egon, Mário Wagner, Nicanor, Ruy, Lívio, James, Azor, Achilles, Décio, Euclides, Milton [...]”²².

Alguns nomes, como se vê, desapareceram da história das ciências sociais brasileiras, outros acompanharão por inteiro a trajetória pessoal e acadêmica de Gioconda, outros, ainda, foram “colaterais” – testemunhas, de alguma forma, de opções diferentes, mas solidárias. Penso, sobretudo, em Gilda de Mello e Souza, Ruy Coelho e Décio de Almeida Prado que, juntamente com Lourival Gomes Machado (também colega de Gioconda no Curso de Ciências Sociais – sairá formado em 1938 – mas não é citado por Lévi-Strauss) e Antonio Candido (que entraria no curso apenas em 1939, quando Lévi-Strauss já voltara para a França e Gioconda já estava trabalhando na Cadeira de Sociologia I), formariam o núcleo mais expressivo e atuante da revista (e do grupo²³) *Clima*. Dessa revista, Gioconda só pode ter sido leitora interessada, e colega, algo distanciada, dos seus mentores. Assim como, mais tarde, aconteceria com Florestan Fernandes (que ingressaria na Faculdade em 1941), tratava-se de medir e administrar as distâncias com moços de um círculo socialmente e culturalmente mais “capitalizado”, que lhes permitia, inclusive, um acesso, há mais tempo consolidado, a bibliotecas familiares bem abastecidas de obras em várias línguas, vivas e mortas. Numa

²² LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 99-100.

²³ Vide PONTES, Heloísa. *Destinos Mistos*.

gangorra de aproximações e distanciamentos, de atração e relutância, devem ter transcorrido as relações entre Gioconda Mussolini e alguns dos seus colegas. Entretanto, outro depoimento de Antonio Candido esclarece o que, também, estava se desenrolando entre todos eles, marcando, já, locais de referência e destinos acadêmicos:

Nós pertencemos a uma fase heróica da Faculdade, que foi a implantação dos cursos pelos professores estrangeiros. Era o começo daquele tipo de estudos, havia ainda muito diletantismo, nós transitávamos da arte para a filosofia, da sociologia para a literatura. Mas ao nosso lado havia rapazes e moças que já se orientavam pelas exigências da especialização. Penso em gente como Lucila Herrmann, Gioconda Mussolini, Dorival Teixeira Vieira, José Francisco de Camargo, Eduardo d'Oliveira França, Egon Schaden e outros, alguns dos quais professores primários comissionados.²⁴

As duas vertentes, entretanto, praticavam por caminhos diversos, mas não divergentes, aquilo que o autor de *Os parceiros do Rio Bonito*, nessa mesma entrevista de 1987, definira certamente para a geração anterior à deles: “O Brasil começou a se apalpar”²⁵, entre diletantismo e crítica, de um lado, e especialização e sociologia, por outro.

O envolvimento de Gioconda com os seus professores e, há de se presumir, o seu bom rendimento escolar, fizeram com que, ainda em 1935, ela recebesse convite do recém criado Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, para atuar como “pesquisadora social”, mais especificamente na “Divisão de Documentação Histórica e Social”, chefiada, à época, por Sergio Milliet e Bruno Rudolfer (que seria, dali a cerca de cinco anos, professor de Estatística de Gioconda, no Mestrado da Escola Livre de Sociologia e Política), e que contava também com a participação de Luís Saia, arquiteto e futuro integrante da famosa “Missão

²⁴ PONTES, “Entrevista”, 2001, p. 18.

²⁵ *Ibidem*, p. 6.

de Pesquisas Folclóricas” de 1938²⁶. Embora não se conheça nos detalhes o papel por ela desempenhado nessa instituição, é importante aqui marcar esse seu passo de aproximação do grupo que, dali a poucos meses dará vida à Sociedade de Etnografia e Folclore, da qual Gioconda será sócia fundadora. Grupo de que também faziam parte, além dos próprios Milliet e Rudolfer, Paulo Duarte, Mário de Andrade e Rubens Borba de Moraes. A jovem “professorinha italiana”, a brilhante, mas timidíssima, aluna da Faculdade de Filosofia havia alcançado um tipo de sociabilidade impensável até menos de cinco anos antes. A Divisão, como se sabe, tinha por tarefas o recolhimento, restauração e conservação de documentos antigos, de caráter histórico para consulta e publicação. Mas, também, o Ato nº 1.013, de 13 de Fevereiro de 1936, do prefeito Fábio Prado, determinava que “*A denominação dos logradouros públicos será feita por proposta da Divisão de Documentação Histórica e Social do Departamento de Cultura, à qual, para esse fim, o Departamento de Obras e Serviços Municipais enviará os dados técnicos necessários*”. Cinco meses depois, o Ato nº 1.146, de 4/7/1936, tornava a DDHS competente para a publicação da *Revista do Arquivo Municipal*, que, anos mais tarde, em 1950, acolheria a publicação de um dos artigos mais importantes de Gioconda²⁷, sobre os “Pasquins do litoral norte”.

A atuação de Gioconda na DDHS é descrita sumariamente no seu *Curriculum* de 1965, em terceira pessoa: “tomou parte em duas pesquisas, uma sobre ‘O padrão de vida dos lixeiros de São Paulo’ e outra sobre ‘Assistência Filantrópica na Cidade de São Paulo’, ambas realizadas por Samuel Lowrie e Bruno Rudolfer”. A primeira enquête

²⁶ Sobre a MPF, vide CARLINI, Álvaro L.R.S. *Cante lá que gravam cá: Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1994; e TONI, Flavia Camargo. *A Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura*. São Paulo : Centro Cultural São Paulo, s/d.

²⁷ Nesses mesmos anos, a *RAM*, como veremos, será também órgão da própria Sociedade de Etnografia e Folclore.

visava a estabelecer critérios e parâmetros para o valor do salário mínimo, uma vez que o padrão de vida dos lixeiros era considerado o mais baixo entre todos os trabalhadores urbanos²⁸. Os resultados dela aparecem em artigo de Lowrie na *RAM*²⁹. Da segunda, há registro numa série de três artigos publicados, com o mesmo título, ainda por Samuel Lowrie, nos números xxviii e xxix (1936) e xxxvii (1937) da mesma *Revista do Arquivo Municipal*. Lowrie e Rudolfer, lembramos, viriam a ser professor de Gioconda no Mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política. Outro professor de Estatística da ELSP, Horace Davis, havia sido coordenador de pesquisa sobre “O Padrão de vida dos operários de São Paulo”, da qual Gioconda participara em 1934, já no âmbito das primeiras atividades de investigação da Escola³⁰, mas, portanto, quando ela nem era ainda aluna da FFCL.

Esse intercruzamento de nomes, instituições, artigos e temas de pesquisa permite, agora, atestar que, ao longo dos anos Trinta e na primeira metade da década de Quarenta, Gioconda Mussolini, antes, durante e imediatamente depois da sua permanência como aluna da Secção de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia da USP envolve-se com um *campo* novo e peculiar, formado por docentes, pesquisadores, saberes, atuações e sugestões teóricas e metodológicas, com uma agenda científica que está sendo definida e cumprida num espaço que inclui a mesma FFCL, a Escola Livre de Sociologia e Política, o Departamento Municipal de Cultura e a Sociedade de Etnografia e Folclore. Participam desse campo algumas figuras decisivas nesses

²⁸ Vide CHAIA, Miguel W. “Conhecimento e acção política na transição democrática brasileira”. Comunicação apresentada na XII Conferência Internacional de Lisboa, *Democracia e Integração no Espaço de Língua Portuguesa: 1974-1994*, 1994, pág. 4.

²⁹ LOWRIE, Samuel H. Pesquisa de padrão de vida dos operários da limpeza pública da municipalidade de São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal*, vol. LI, p. 183-310.

³⁰ MAZA, Fábio. “Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e a elite industrial paulista”. *Revista do Mestrado em Educação*, UFS, Aracaju, 7, p. 72 e sg.

momentos inaugurais e mesmo no destino das Ciências Sociais em São Paulo e no Brasil – e, evidentemente, no começo de carreira e no destino individual de Gioconda Mussolini. São anos em que ela recebe a forte influência dos estudos de sociologia e antropologia urbana; ao mesmo tempo em que está em contato com a forte âncora quantitativa constituída pela ciência estatística: ambas as perspectivas em fase de implantação e fortalecimento na ELSP; e anos em que o tema da pobreza e das classes populares, nas múltiplas e integradas perspectivas econômica, cultural e social, afirma-se como tema prioritário tanto para os cientistas sociais ativos nessas várias instituições quanto para a orientação pessoal de Gioconda, que – como veremos – dirigirá e transferirá essas preocupações para um setor até então quase desabitado, malíssimo freqüentado pelos cientistas sociais ativos no Brasil (com a exceção de alguns geógrafos): o das populações de pescadores do litoral de São Paulo.

Em suma, de 1934 a 1944, Gioconda Mussolini recebe o treinamento necessário ao conjunto de atividades que ela irá desenvolver autônoma e individualmente a partir de meados dos anos Quarenta: um treinamento que se desdobra em teorias e práticas, em participação direta em investigações sociais de grande relevância (até mesmo para servirem de subsídio a políticas públicas, como é o caso, em geral, das pesquisas da Escola Livre de Sociologia e Política e do Departamento de Cultura, e, em particular, por exemplo, das coordenadas por Lowrie, Rudolfer e Davis), na aquisição dos instrumentos metodológicos e do desenvolvimento da reflexão teórica necessária à formação de uma cientista social moderna. Vale enfatizar, nessa perspectiva, que esse espaço de formação, onde a participação em atividades práticas e o acesso a conhecimentos teóricos e metodológicos parecem bem equilibrados, dá-se justamente nessa gama variada de instituições (FFCL,

ELSP, Departamento de Cultura e SEF), de forma que, mais que uma divisão de trabalho entre tendências diferenciadas, parece delinear-se, aqui, um quadro de compartilhamentos, solidariedades e remissões.

O arco cronológico considerado (de 1934 a 1944) justifica-se a partir do significado das atividades desenvolvidas imediatamente depois da conclusão do curso de Ciências Sociais, até o ingresso na Cadeira de Antropologia, como veremos a seguir.

Licenciada em 1937, Gioconda Mussolini volta a lecionar na escolinha da Vila Prudente, mas, logo em 1938, é admitida como “membro do Centro de Pesquisas e Documentação Social” da Cadeira de Sociologia I da FFCL (que acabava de mudar de chefia, com a chegada da França, naquele mesmo ano, de Roger Bastide, em substituição de Lévi-Strauss, de regresso à Europa) onde, mais tarde³¹, se tornaria Auxiliar de Ensino. Também neste caso, não há informação sobre a pessoa responsável pelo convite. Talvez o próprio Lévi-Strauss, já que Bastide só chegaria à USP nesse mesmo ano de 1938. A “contratação” de Gioconda na Cadeira se dá com a fórmula do “comissionamento, sem prejuízo dos vencimentos do cargo efetivo”, ou seja, com o cargo e o salário de professora primária, desenvolve as suas atividades na Faculdade de Filosofia. Essas atividades são mal documentadas, mas é fácil imaginar que elas não sejam do mesmo porte nem comportem a mesma responsabilidade do que aquelas que ela iria desempenhar, a partir de 1944, na Cadeira de Antropologia. Trata-se, afinal, de uma recém-licenciada, com menos de 25 anos de idade. Contudo, o período da sua permanência com Bastide tem duração suficiente para que a relação entre ela e o *entourage* da Secção de Ciências Sociais da FFCL se estreite e, sobretudo e ao mesmo tempo, proporcione à jovem assistente uma prática de pesquisa e de ensino e, mais ainda, de

³¹ A data desta promoção não está disponível na documentação da USP.

relacionamento com os alunos que, como veremos, se constituirá na marca mais peculiar e reconhecida da sua atuação docente.

Entre as poucas atividades realizadas por Gioconda nesses primeiros anos após a conclusão do curso, documentadas com segurança, está a participação, em 1939, numa pesquisa coletiva realizada pelo “Centro de Pesquisas e Documentação Social da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, entre Maio e Julho de 1939”, como aparece na folha de rosto da publicação do artigo “Alterações da estrutura demográfico-profissional de São Paulo – da Capital e do Interior – num período de catorze anos – 1920-1934”, assinada por Lucila Herrmann, Gioconda Mussolini, Nair Ortiz e Cecília Castro Paiva (*Revista do Arquivo Municipal*, LXXXIX, 1943). Trata-se, como se vê de três nomes da lista de Lévi-Strauss, como acréscimo de Nair Ortiz, tesoureira da Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF). A SEF, como se sabe³², havia sido criada em novembro de 1936, no âmbito do Departamento de Cultura de São Paulo e sob os auspícios de Mário de Andrade. Não sabemos se Gioconda, à época com apenas 23 anos de idade, participasse de todas as reuniões e sessões da Sociedade. Mas, se assim fosse, estaria provavelmente em companhia de amigos e colegas, como Lavínia Costa Vilela, Mário Wagner Vieira da Cunha, Nicanor Miranda, Antonio Rubbo Müller, e personalidades ou professores como Dina e Claude Lévi-Strauss, o próprio Mário de Andrade, Sergio Milliet, Willems, Samuel Lowrie, Monbeig, Plínio Ayrosa, Oneyda Alvarenga, Roger Bastide, entre outros. A falta de documentação, entretanto, não pode ocultar o que parece bastante razoável: a

³² Vide RUBINO, Silvana. 1995. "Clube de Pesquisadores. A Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia". In: MICELI, S. (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil* (vol. 2). São Paulo: Sumaré, p. 479-522; e SOARES, Lélia G. 1983. *Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore, no Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1936-1939*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Funarte/Instituto Nacional do Folclore/Secretaria Municipal da Cultura.

convivência de Gioconda, por cerca de três anos, no mínimo, com esse ambiente de pesquisadores, não deixará de ter resultados futuros. Trata-se, de fato, de uma vivência em que três elementos se destacam. Em primeiro lugar, por ser um espaço de socialização ainda carregado do “ensaísmo” brasileiro (e paulista), que deságua nos novos espaços e nas novas práticas proporcionadas pelo surgimento da Faculdade de Filosofia e, sobretudo, da Escola Livre de Sociologia e Política. Não só pelos nomes envolvidos (engajados, naqueles anos em uma ou mesmo nas duas jovens instituições; ou, então, como é o caso de Mário de Andrade, com uma atuação externa aos centros de ensino, mas com grande influência neles), mas, sobretudo, pelo que esses nomes representam num panorama científico de contornos irrepetíveis, em termos de equilíbrio homeostático entre tendências, antes e a princípio, divergentes. Em segundo lugar, a Sociedade de Etnografia e Folclore ensaiou a prática efetiva de técnicas e métodos de pesquisa renovadores ou, ao menos, capazes de imprimir uma virada temática e epistemológica nas ciências sociais brasileiras. A atenção pela cultura material, não como mero objeto secundário de interesse, e a experimentação de instrumentos de investigação *ad hoc* (como as famosas fichas etnográficas de Dina Lévi-Strauss) são apenas dois exemplos, entre tantos. De novo, nesse aspecto, flagra-se a migração de um ideário “velho” (devedor, por exemplo, das “tradições populares” de Amadeu Amaral) para um renovado conjunto de disposições e dispositivos etnográficos que constitui a marca das práticas da SEF. Em terceiro lugar, e como que a agregar os dois pontos agora mencionados, a opção temática preferencial para os estudos sobre a cultura popular também é fato de grande relevância, para os nossos interesses. A grande maioria dos relatórios, das fichas, dos registros, das missões e dos artigos que têm por origem o âmbito da Sociedade de Etnografia e Folclore gira em volta, justamente, do *folclore*.

Mas um folclore, paradoxalmente, de feições renovadas e, já, mais antropologicamente observado com relação ao que aconteceria, a partir daí, na exuberância do “folclorismo” brasileiro, comumente mais preocupado no reconhecimento de traços culturais e menos disposto a captar as determinações e as mediações sócio-culturais entre os produtos populares, os seus contextos de produção e os seus produtores.

Assim, conviver com esses três elementos significou para a jovem Gioconda Mussolini, recém licenciada, atentar para um conjunto de oportunidades temáticas e de técnicas de pesquisas, cimentadas por uma teoria cultural sólida e frutífera, como veremos. Com efeito, é oportuno considerar a vinculação entre esse ambiente e uma parcela significativa da produção bibliográfica de Gioconda: os dois artigos, “Festa de Folia” e “Festa de Devoção”, publicados na *Folha da Manhã* em 1946 – um estudo sobre a função integrativa das festas folclóricas no litoral paulista; o ensaio “Os Pasquins no Litoral Norte de São Paulo e suas peculiaridades na Ilha de São Sebastião” – trabalho apresentado em 1949 ao III Concurso de Monografias Folclóricas, instituído pelo próprio Departamento de Cultura de São Paulo e contemplado com o 1º Prêmio; publicado na *Revista do Arquivo Municipal* (xxxiv, 1950); e, finalmente, a comunicação “Persistência e Mudança em Sociedades de ‘Folk’ no Brasil”, apresentada no xxxi Congresso Internacional de Americanistas e publicada nos seus *Anais*, em 1955. Mais do que isso, considero que a influência da Sociedade de Etnografia e Folclore sobre a personalidade intelectual de Gioconda Mussolini ultrapassa o mero plano das escolhas temáticas e se desdobra no chão mais sutil e sólido do estilo da autora, aqui compreendido como o conjunto do registro da sua escrita, dos cuidados metodológicos e da abrangência teórica do tratamento dispensado a fontes, informantes e registros – o que, aliás, se estende aos seus artigos mais diretamente dedicados ao tema da pesca artesanal.

Voltando ao artigo de 1943 publicado na *Revista do Arquivo Municipal* (aliás, “órgão”, de 1936 a 1939, da Sociedade de Etnografia e Folclore), a sua relevância, para nós, consiste, em primeiro lugar, em atestar mais um aspecto do envolvimento de Gioconda nas atividades desenvolvidas pela Cadeira de Sociologia I, regida por Roger Bastide. Como relata o mesmo Bastide na “Apresentação” ao artigo,

“em 1939, depois de uma conferência de Anita Cabral, os professores Paul Arbousse-Bastide e Roger Bastide obtiveram do Governo do Estado a autorização de instituir na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, um centro de pesquisa cuja direção ficaria confiada a Lucila Herrmann”³³.

Este artigo reúne os primeiros resultados de uma pesquisa mais ampla, destinada a mapear o quadro da mobilidade profissional, com vistas, também, à “constituição de uma sociologia econômica do Estado de São Paulo”³⁴. No final da sua “Apresentação”, ao anunciar a publicação de resultados de pesquisas realizadas em 1941 e 1942, Bastide informa que “como no ano de 1939, os últimos trabalhos foram feitos sob a direção de Lucila Herrmann, com a cooperação de alunos do 3º ano da Faculdade”. O que, na realidade, abona a hipótese de que a posição de Gioconda, em 1939 era a de uma espécie de “assistente da assistente”. Seja como for, é evidentemente difícil determinar qual a contribuição de Gioconda nesse trabalho coletivo, mas me parece mais razoável destacá-la como uma das suas primeiras experiências de pesquisa de campo, ainda que no contexto de uma preocupação temática e mesmo disciplinar bastante afastada dos seus interesses futuros. Vale adiantar, aqui, que em 1941, dois anos depois da coleta de campo e dois

³³ In HERRMANN *et alii*. “Alterações da estrutura demográfico-profissional de São Paulo – da Capital e do Interior – num período de catorze anos – 1920-1934”. *Revista do Arquivo Municipal*, LXXXIX, 1943, p. 10.

³⁴ *Ibidem*, p. 10-11.

anos antes da publicação deste artigo, Gioconda Mussolini ingressara no Mestrado da Escola de Sociologia Política e se dedicaria a uma pesquisa – com fontes escritas – sobre populações indígenas. Mas, ainda sobre esse artigo de 1943, é a própria Gioconda a descrever, sucintamente, no currículo de 1965, o contexto em que ele se insere. Ela relata que

“recolheu 810 questionários entre alunos de escolas de formação profissional (incluindo as Faculdades) da Capital, para um estudo de ‘Transmissão de Profissões de Pais a Filhos’, parte de um programa mais amplo de pesquisas que visava o problema da mobilidade social, em vários de seus aspectos na cidade de São Paulo. Este material permitiu várias inferências sobre o problema, mas o trabalho não foi publicado”³⁵

Esta informação sobre a não publicação refere-se, evidentemente, aos itens diretamente abordados por Gioconda: o quadro geral de referência da pesquisa e alguns dos seus primeiros e mais abrangentes resultados foram publicados, sim, justamente, neste artigo coletivo da *RAM*, em 1943.

Para encerrar essa etapa das observações relativas à reconstrução da carreira docente de Gioconda, o fato é que ela, em 1944 (“comissionada” nas mesmas condições anteriores), transfere-se para a Cadeira de Antropologia (a nº 49 da FFCL), criada em 1941 e regida pelo professor alemão Emilio Willems, de quem Gioconda se tornaria 2^a. assistente. É promovida a 1^a. assistente em 1949, no lugar de Egon Schaden, que substituiu interinamente Willems, a caminho dos Estados Unidos, onde assumirá o posto de Professor de Antropologia no *Institute of Brazilian Studies* da Vanderbilt University, em Nashville, Tennessee. Schaden ultrapassará essa interinidade em 1952, quando passa a ser

³⁵ *Curriculum Vitae* de Gioconda Mussolini, Pasta de Processos, FFLCH/USP, 1965, p. 4-5.

“professor contratado”. Em 1965, ele defenderá a tese de cátedra³⁶ e se tornará Professor Catedrático, para aposentar-se, finalmente, em 1967. Finalmente, em 1959, Gioconda é “contratada” como Auxiliar de Ensino e chega ao fim a sua vinculação com o magistério primário de São Paulo, embora, é claro, isso já ocorresse na prática, desde 1938. É evidente, nesse caso, que entre as possíveis motivações para a transferência da Cadeira de Sociologia I para a de Antropologia deve-se apontar principalmente a experiência amadurecida por Gioconda nos anos da pós-graduação na Escola Livre de Sociologia e Política, predominantemente voltados para a teoria antropológica e os métodos etnográficos de investigação. É também oportuno lembrar que nos anos em que ela foi aluna da FFCL não eram ministradas disciplinas de antropologia.

Com efeito, um ano após ter migrado da Cadeira de Sociologia à de Antropologia, Gioconda defende a já lembrada dissertação de mestrado, na ELSP, em que ingressara em 1941 e onde tinha sido aluna de, entre outros, Donald Pierson (Sociologia e Antropologia e também Diretor da pós-graduação), Herbert Baldus, Willems (que participava das duas instituições), Sergio Milliet, Rudolfer, Samuel Lowrie e W.P. Leser (Estatística), Noemy da Silveira Rudolfer e Cecília Castro (Psicologia Social), Antonio R. Müller (Antropologia Social), Mário Wagner Vieira da Cunha (Sociologia e Antropologia) e, durante a sua rápida passagem pelo Brasil (1942-1943), Radcliffe-Brown. Entre os seus colegas, ainda Lucila Hermann, Oracy Nogueira, Antonio Rubbo Müller, Virginia Leone Bicudo e, no último ano, também Florestan Fernandes, com que se estabelece uma longa e firme amizade. A secção de “Estudos Post-Graduados” da ELSP havia sido criada nesse mesmo ano de 1941,

³⁶ Egon Schaden obtivera seu doutoramento em 1945 e a livre-docência em 1954, sempre na FFCL/USP.

“visando a preparar estudantes para o grau de Mestre”³⁷. Os *Anuários* da Escola relatam com mal disfarçado entusiasmo a intensificação das atividades dessa Secção e, em 1946, registram com grande satisfação a formação dos três primeiros mestres: Virgínia Bicudo, Oracy Nogueira e Gioconda Mussolini³⁸.

Também não se têm muitas informações sobre esses anos de pós-graduação. Novamente, porém, socorre-nos um depoimento de Antonio Candido³⁹:

Em 1942 e 1943 freqüentei o seu [*de Emilio Willems*] seminário de doutorado, pois havia escolhido antropologia como uma das duas matérias subsidiárias do antigo curso de doutorado. Foi um momento importante na minha formação. Éramos quatro candidatos: Gioconda Mussolini, Egon Schaden, José Francisco de Camargo e eu. Nós nos reuníamos uma vez por semana das 5 às 7 e fazíamos relatórios de leitura, comentados muito bem por Willems, a quem devo a iniciação num tipo de bibliografia que foi a que mais me inspirou no domínio dos estudos sociais e teve influência decisiva na minha tese.

No mesmo depoimento, ficamos conhecendo alguns dos textos de Antropologia lidos por Gioconda e os seus colegas nesse seminário:

O homem (The study of man), de Ralph Linton. Com ele lemos Redfield, Melville Herskovits, Irving Hallowell, Raymond Firth, Malinowski, Evans Pritchard, Radcliffe-Brown. Naquele tempo este ainda não tinha publicado nada além do clássico *The Andaman Islanders*, e Willems nos trazia os artigos dele em separatas de revistas inglesas e americanas⁴⁰.

O envolvimento nas atividades da seção de estudos pós-graduados da Escola de Sociologia e Política, nesses anos, implicava, como se sabe, na participação em pequenas expedições de treinamento etnográfico. Entretanto, é ainda sob a orientação de Roger Bastide, na Faculdade de Filosofia, que Gioconda participa de uma visita realizada em maio de

³⁷ *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política*, 1941, p. 87.

³⁸ *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política*, 1946, p. 81-94.

³⁹ PONTES, “Entrevista”, *cit.*, p. 20-21.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 21.

1943, na cidade paulista de Tietê, para coleta de “material folclórico”. A turma fora “a convite da Prefeitura local assistir a um batuque”⁴¹ e era composta por Bastide, Lavínia Costa, Gilda de Mello e Souza, José Francisco de Camargo, Gioconda Mussolini e Antonio Candido, que se demora mais uns dias após o encerramento da festa e redigirá um artigo publicado na revista *Sociologia*, em 1947.

O mestrado conclui-se com a defesa, em 1945, da dissertação intitulada *Os meios de defesa contra a moléstia e a morte em duas tribos brasileiras: Kaingang de Duque de Caxias e Bororó Oriental*, orientada por Herbert Baldus, de cujo teor e repercussão não nos ocuparemos aqui. É necessário frisar, porém, que Gioconda é primeira assistente da Faculdade de Filosofia a conseguir o título de Mestre na Escola Livre de Sociologia e Política, título imediatamente reconhecido pela USP e que, de um lado, fortalecia a sua posição na Cadeira de Antropologia onde acabara de ingressar como segunda assistente de Willems, e, por outro, parecia constituir a primeira etapa de um percurso que a levaria ao doutorado. O que, como sabemos e como veremos melhor, não acontecerá.

Os anos imediatamente sucessivos à defesa do Mestrado marcam o verdadeiro começo da carreira docente da professora Mussolini. São os anos melhor documentados, seja porque dispomos da documentação oficial – bem ou mal – expedida e conservada pela Faculdade de Filosofia, seja porque o número de testemunhas aumenta consideravelmente, ao diminuir a distância temporal que nos separa dessa época. Nesse período, Gioconda participa de pesquisas de campo coordenadas por colegas e ex-professores, desenvolve intensa atividade de sala de aula, orienta alunos do Mestrado em Antropologia e do curso de graduação em Ciências Sociais da USP, publica resenhas de obras

⁴¹ CANDIDO, Antonio. “Opinião e Classe social em Tietê”. *Sociologia*, IX, 2, 1947, p. 97.

antropológicas, nacionais e internacionais, realiza as suas próprias pesquisas de campo no litoral de São Paulo, participa de congressos e simpósios, profere numerosas conferências e palestras, no Brasil e no exterior, publica artigos em revistas científicas, colabora na feitura e do dia-a-dia editorial da *Revista de Antropologia*, fundada por Schaden em 1953, traduz livros e artigos e organiza uma coletânea de ensaios de antropologia física, por encomenda de Florestan Fernandes – e se dedica à sua tese de doutoramento. Tudo, menos esta última atividade, está relativamente bem documentado. Trata-se, como se vê, de um conjunto de tarefas e ações que, embora iniciado numa época institucionalmente distante da nossa, possui muitas semelhanças com aquilo que, hoje, constitui o repertório de responsabilidades do docente de uma universidade pública de primeira linha.

Ao mesmo tempo, porém, Gioconda, observa os eventos (não sabemos se deles participa e, em caso, com que distanciamento) que marcam a sucessão na titularidade da Cátedra: de Willems para Schaden, em 1949 (mas com rebatimentos na década sucessiva), e de Schaden para João Batista Borges Pereira, em 1967. Evidentemente, trata-se de eventos que contam com uma multiplicação de atores: muitos notórios e alguns, ocultos. Eventos que se desenrolam de acordo com normas e regras: algumas públicas e formais; outras informais e dissimuladas.

Antes de tentarmos dissecá-los, contudo, cabe uma recapitulação das suas atividades docentes, para que, afinal, a posição de Gioconda Mussolini nesse universo possa ser definida a partir da sua atuação específica e concreta.

4. Mar de fora

A professora Gioconda Mussolini – a professora de sala de aula – parece sobrepujar as outras Giocondas. A sua atuação na docência, com efeito,

é a única que recebe repercussão fora dos praticantes, também estritos, da disciplina antropológica. Isso se deve, em boa parte, ao fato de a Cadeira de Antropologia oferecer cursos também para os alunos de História e Geografia e de Pedagogia, além do fato de que os estudantes de Ciências Sociais, evidentemente, repartiam-se, depois, entre as três áreas: Sociologia, Antropologia e Ciência Políticas. Alguns depoimentos são unânimes na descrição de uma experiência discente fora do “ordinário”. A lista de alunos que declaram, em algum lugar ou de alguma forma, ter sido alunos dela é significativa: Paula Beiguelman, Fernando Novais, Ecléa Bosi, Fernando Henrique Cardoso, Ruth Correia Leite Cardoso, Lourdes Sola, Pedro Paulo Poppovic, José de Souza Martins, Antonio Augusto Arantes, Luiz Mott, Francisco Weffort, Antonio Carlos Diegues, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Ethevaldo Siqueira... Em companhia de duas gerações de cientistas sociais, historiadores, geógrafos e pedagogos formados pela Universidade de São Paulo.

Todos na Rua Maria Antônia, de onde Gioconda saíria, também, naquele outubro de 1968. Para os barracões da Cidade Universitária, passando por Paris, até a morte repentina e precoce no sobrado da Vila Pompéia.

Quase como uma epígrafe no meio do texto, julgo caber aqui um material curioso, mas que corrobora o sentido daquilo que podemos passar a definir como a formação do “mito”⁴² da professora Gioconda. Trata-se de um “verbete”, anônimo (mas atribuível ao historiador Luís Soares de Camargo, no âmbito de um projeto do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís) e publicado apenas na internet, no contexto de um sítio dedicado a traçar a “História das ruas de São Paulo” e fazer uma espécie de “enciclopédia” dos logradouros da cidade. A Gioconda

⁴² A expressão me foi proposta pela professora Bela Feldman Bianco (Unicamp), mas a tomo, aqui, com reservas, por enquanto.

Mussolini da rua homônima, no Butantã, o mesmo bairro da atual Cidade Universitária da USP, é assim descrita:

Estudiosa infatigável e extremamente rigorosa consigo mesma, dedicava-se ao preparo das aulas de uma forma tal que seus cursos, transcendendo o estrito objetivo do ensino da Antropologia, transformavam-se em estímulos à adoção de uma postura ditada pelos mais altos padrões da ética científica. Seus alunos, colaboradores e todos aqueles do mesmo métier ou afim que com ela privavam, beneficiavam-se de sua perfeita atualização no domínio bibliográfico, que dadivosamente partilhava com os interessados, aos quais sempre franqueou a consulta à sua preciosa biblioteca particular. Todo esse comportamento, aliás, decorria de uma personalidade harmoniosa, na qual a inteligência e espírito se conjugavam a uma excepcional e positiva afetividade.

(<http://www.dicionarioderuas.com.br>⁴³)

Muito conhecido – pelo contexto em que está inserido⁴⁴ – é o depoimento da dramaturga Consuelo de Castro: “E a apaixonante Gioconda Mussolini – que não era uma professora, era uma chama, um caminho em forma de mulher”⁴⁵. Logo em seguida, uma versão trágica (no sentido, até, teatral do adjetivo) sobre as causas da morte da professora:

Gioconda morreu depois de assistir a uma cena dilacerante: o Florestan Fernandes fora arrastado para um “camburão” a fim de “prestar depoimentos”: que depoimentos pode ter que prestar Florestan Fernandes àquelas bestas cenozóicas? Gioconda dava uma aula sobre “Revolução das espécies”. Quando soube, saiu da sala – sua tribuna maior – gritando. Mas voltou, e, com ódio santo, continuou a aula, curvando-se para mostrar como caminhavam nossos antepassados do Pleistoceno, e comentou, quase chorando, que as espécie não tinham evoluído porra nenhuma. Cutucava sua peruca, e com ela se abanava

⁴³ Acesso em 04/06/2007.

⁴⁴ Em Maria Cecília Loschiavo dos Santos (org.). *Maria Antônia: uma rua na contramão*, São Paulo: Nobel, 1988: uma coletânea de depoimentos sobre os anos em que a Faculdade de Filosofia funcionou nessa rua da Consolação, com particular referência ao ano “quente” de 1968.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 93.

esquecendo-se que uma peruca é um disfarce. Estava ali, ainda viva, a cabeça nua e altiva remoendo aquele desgosto histórico. Pouco tempo depois – se não me falha a memória no dia seguinte – sofreu um aneurisma cerebral e morreu vendo a espécie involuir⁴⁶.

Na realidade, o episódio refere-se com toda probabilidade, à famosa prisão de Florestan Fernandes em setembro de 1964, que o próprio sociólogo menciona num apêndice da sua quase autobiografia, “Em busca de uma sociologia crítica e militante”⁴⁷, através da reprodução da sua “Autodefesa”. Além disso, a morte de Gioconda, em 1969, ocorreu quando a Faculdade de Filosofia já funcionava, embora precariamente, na atual Cidade Universitária, tendo abandonado a Maria Antônia, às pressas, depois da batalha de outubro de 1968.

Sobre o dia-a-dia das atividades docentes, ainda na Rua Maria Antônia, é geral⁴⁸ a lembrança de Gioconda Mussolini como professora de Antropologia Física. Nesse sentido, vale lembrar algumas passagens da comunicação apresentada por Egon Schaden na I Reunião Brasileira de Antropologia (Rio de Janeiro, novembro de 1953)⁴⁹:

Os programas da Disciplina (hoje Cadeira) [na FFCL da USP] incluíram desde o início questões gerais e específicas de antropologia física e de antropologia cultural. O Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade decidiu [...] que [...] antropologia seria tomada em seu duplo aspecto: cultural e físico. [...]

Para os alunos de Ciências Sociais [...] há cursos de ambos os ramos da ciência antropológica. [...] Na secção de Ciências Sociais, por seu turno, a orientação de ensino dará maior ênfase a questões de organização social e interação humana e às relações entre sociedade e cultura, sem que, por isso, os alunos da secção sejam dispensados do

⁴⁶ *Ibidem*, p. 94.

⁴⁷ In: FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 209-212.

⁴⁸ Depoimentos de Antonio Candido (novembro 2005), João Baptista Borges Pereira (setembro 2006), Antonio Carlos Diegues (setembro 2006) e Renate Viertler (novembro 2006).

⁴⁹ Publicada como “Problemas de ensino da antropologia”. *Revista de Antropologia* (II, 1, 1-10).

estudo da antropologia física, sob pena de perderem, o que seria lamentável, visão de conjunto do ser humano, razão de ser da própria ciência antropológica. Ademais, não deixa de ser valiosa, para o sociólogo, a compreensão das bases e condições biológicas da vida em sociedade. [...]

Nessa exigência reside uma das principais dificuldades do atual ensino antropológico no Brasil, uma vez que são poucos os docentes cuja formação universitária abranja todos os setores; *só com grande esforço pessoal* são capazes de superar a falha, para não a perpetuarem por mais uma geração⁵⁰.

O acesso aos programas da Cadeira de Antropologia, conservados no “Setor de Apoio ao Ex-aluno de Graduação” da Administração da Faculdade de Filosofia⁵¹ permite contextualizar esse entendimento e alargar a reflexão até abarcar as distintas concepções antropológicas que se confrontavam nesse período e o que, de fato, se praticava nas salas de aula da USP⁵². Se, como se sabe, nos Estados Unidos a antropologia abarca quatro esferas de investigação: a Antropologia Física, a Antropologia Cultural, a Linguística e a Arqueologia, nos anos em que Egon Schaden esteve à frente da Cadeira de Antropologia da USP, o ensino da antropologia física ao lado da social-cultural foi predominante.

Mas o que de fato acontece é que logo depois da morte de Gioconda Mussolini na Faculdade de Filosofia da USP deixa de ser oferecido o conteúdo de Antropologia Física⁵³. Conteúdo que, parece evidente por essas declarações de princípio de Schaden, mais do que exigência regimental da faculdade, era mesmo parte integrante de uma idéia de ensino cara ao chefe da Cátedra. Vão, porém, para a mesma direção, as palavras de Florestan Fernandes na “Nota da Editora”, por ele

⁵⁰ *Ibidem*, págs. 3, 4 e 8. Grifo meu.

⁵¹ Só há cópia dos programas para os anos de 1952, 1953, 1955, 1959, 1960, 1965, 1966, 1967 e 1968. Agradeço a dona Cau para a sua gentileza e disponibilidade.

⁵² Em outro trabalho, entro nos detalhes da oferta de disciplinas, para que as duas questões, a posição de Gioconda e as rotinas pedagógicas da Cátedra de Antropologia se iluminem mutuamente e, ao mesmo tempo, facilitem uma recapitulação histórico-epistemológica.

⁵³ Segundo João Baptista Borges Pereira (entrevista em 4 de setembro de 2006).

assinada enquanto “Diretor da Série de Ciências Sociais da Biblioteca Universitária” da Companhia Editora Nacional, na primeira edição da já mencionada coletânea, *Evolução, Raça e Cultura (leituras de antropologia física)*, com “Seleção, organização e notas” de Gioconda Mussolini:

Para concretizar esse objetivo [*preencher a lacuna de textos de antropologia física*] foi convidada a professora Gioconda Mussolini, do setor de antropologia da Seção de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, freqüentemente encarregada do ensino da antropologia física nessa escola. *Embora não seja uma especialista em antropologia física*, a professora Gioconda Mussolini reúne a experiência e a maturidade, resultantes de longo e profundo tirocínio no ensino da matéria, às mais altas credenciais e prestígio científico em seu campo de investigações.⁵⁴

As palavras de Schaden e as considerações de Florestan Fernandes parecem convergir para que se forme diante de nós, nitidamente, a imagem de uma Gioconda Mussolini comprometida com uma incumbência emergencial, por falta de outra pessoa habilitada: ensinar antropologia física embora ela fosse, para todos os efeitos, uma antropóloga cultural. Quase uma missão, mas não um sacrifício, se prestarmos ouvidos a uma das pessoas que mais estiveram próximas dela, a professora Paula Bieguelman⁵⁵, que garante ter sido o trabalho de organização e feitura da coletânea de antropologia física “a maior contribuição acadêmica” da professora Mussolini, além do fato de ela, Gioconda, ter atendido a essa tarefa com o maior prazer.

Significativo, por testemunhar tanto o papel desempenhado por Gioconda em sala de aula como a sua proximidade dos seus ex-

⁵⁴ FERNANDES, Florestan, “Nota da editora”, *in*: MUSSOLINI, Gioconda (org.), *Evolução, raça e cultura*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1969, p. XI-XII.

⁵⁵ Em entrevista, 21 de maio de 2007.

professores, é outro relato de Paula Bieguelman, para explicar a dificuldade de acompanhar aulas ministradas em francês:

[...] felizmente minha classe contava com o auxílio de uma professora querida, Gioconda Mussolini, assistente do prof. Emilio Willems e formada numa das primeiras turmas. Gioconda *assistia as aulas conosco* e, quando soltava sua simpática risada, ficávamos sabendo que o professor havia dito (em francês) algo engraçado. Ma o mais importante é que ela tomava apontamentos que, em seguida, repassava para nós, acrescentando oralmente as explicações necessárias. Grande antropóloga e grande figura humana!⁵⁶

A essas orientações informais, mas que devem ter contribuído a fazer de Gioconda uma figura querida e popular entre os alunos, acrescenta-se a atividade de orientadora formal de dissertações de mestrado, a partir de 1965, quando na Faculdade de Filosofia é implantado o chamado “Regime Especial dos Cursos de Pós-Graduação”⁵⁷. Assim, a documentação disponível atesta que Gioconda Mussolini orientou as dissertações de Mestrado de Amadeu José Duarte Lanna, de Renate Brigitte Viertler e de Angelina Cabral de Teves (*A mulher tribal brasileira: Aspectos obstétricos e educacionais*). Esta última orientação é interrompida pela morte de Gioconda, substituída, na tarefa, pelo então catedrático, João Baptista Borges Pereira. A proximidade entre orientadora e orientandos devia gerar laços mais fortes e que extrapolam a relação acadêmica, se Gioconda será, em seguida, madrinha da filha primogênita de Renate Viertler e madrinha do casamento de Amadeu Lanna. Desses dois eventos sociais, aliás, são oriundas duas das apenas três imagens fotográficas de Gioconda Mussolini a que tive acesso. A terceira fotografia também é festiva, por tratar-se da comemoração da

⁵⁶Depoimento de Paula Beiguelman, *Informe*, Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, nº 9, março 2004, p. 20, grifo meu.

⁵⁷ Vide Maciel *et alii*, “A Antropologia na Universidade de São Paulo: histórico e situação atual”, *cit.*, p. 120.

defesa da tese de João Baptista Borges Pereira, em um bar paulistano. Esses dois ex-alunos, Renate e Amadeu, finalmente, se tornariam professores assistentes na mesma Cadeira de Antropologia. Outro elemento que se acrescenta a esse quadro é o contido, ainda, na narrativa de Paul Bieguelman, que relata que ela e Gioconda, no período da mais pesada repressão policial, após a emissão do AI-5, visitavam freqüentemente delegacias policiais e a própria sede do DOI-CODI, na Rua Tutóia, no bairro do Paraíso, com o objetivo de interceder para a soltura de alunos presos com base em suspeitas de ligação com grupos de oposição. Paula Bieguelman narra que a atitude e a postura de Gioconda eram “maternas”, como se quisesse, diante das autoridades, justificar as “travessuras” dos seus “meninos”. Consta, também, que nesse mesmo período Gioconda teria escondido na sua residência alguns alunos, ex-alunos e colegas procurados pela polícia, entre os quais Francisco Weffort. Entretanto, esse depoimento de Paula Bieguelman não é suficiente para configurar uma eventual militância esquerdista de Gioconda. Apesar disso, fica sem resposta a indagação suscitada por outra narrativa, a da professora Heleieth Saffioti, que, orientanda de Florestan Fernandes, em 1967, ao preparar a defesa da sua tese de livre-docência (*A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*), viu formada a banca pelos professores Antonio Candido, Florestan Fernandes, Rui Coelho, Luís Pereira e Gioconda Mussolini. Um membro do Conselho Estadual de Educação – que controlava as defesas de teses na ocasião – leu a tese de Heleieth, antes da defesa. “Ele concluiu que eu era uma comunista, assim como toda a banca”. Assim, dois componentes, Luís Pereira e Gioconda Mussolini, foram substituídos⁵⁸.

⁵⁸ “Professora recebe homenagem no Senado”. *Jornal PUCVIVA* n° 389 - 01/04/2002, disponível em http://www.apropucsp.org.br/jornal/jornal_389.htm

Se os alunos de Gioconda mantêm ligações com a professora, esta, por sua vez, se mantém próxima dos ex-professores dela. É o caso, notadamente, de Emilio Willems, com quem compartilhará duas importantes pesquisas de campo. A primeira, realizada na “vila” de Cunha (SP), em 1945 e 1946, resultará na publicação, em 1948, de *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*. A mesma monografia será reeditada em 1961, com o título *Uma vila brasileira: tradição e transição*, omitindo-se assim o nome da cidade, que passa a ser chamada, nesta segunda edição, de Itaipava. Somente em 1987, com a publicação do depoimento de Willems por parte de Mariza Corrêa⁵⁹, se tem acesso à informação de que o trabalho de campo foi realizado

em companhia de Gioconda Mussolini, Francisca Klovrza, Florestan Fernandes, Alceu Maynard de Araújo, Carlos Borges Schimidt e Paulo Florençano, colaboradores dedicados e inteligentes, alguns dos quais, anos depois, viriam a ocupar posições de grande distinção nas Ciências Sociais do Brasil.

Pouco depois da publicação da primeira edição do livro de Willems, Gioconda Mussolini publicará na *Revista do Museu Paulista*, em 1949, uma severa resenha crítica do volume, em que, aliás, inicia o seu caminho de distanciamento dos aspectos mais problemáticos dos “estudos de comunidade”. Entretanto, ainda em companhia de Willems, Gioconda Mussolini participara em 1947, da pesquisa na ilha de Búzios, que resultará no livro publicado por Emilio Willems (“*in cooperation with Gioconda Mussolini*”), *Buzios Island; a Caicara Community in Southern Brazil* (Monographs of the American Ethnological Society, xx, New York), que só será publicado em português em 2003. No “prefácio” à edição americana de 1952, o antropólogo alemão informa que

⁵⁹ CORRÊA, Mariza, *História da antropologia no Brasil (1930-1960), testemunhos*, Campinas, Vértice/Unicamp, 1987, p. 120.

o profundo conhecimento da Professora Mussolini sobre a cultura caiçara foi especialmente valioso para se obter um quadro claro da comunidade local. Cada membro do grupo focalizou sua atenção em um aspecto particular da cultura local. Reuniões diárias e trocas de experiências e sugestões foram extremamente compensadoras⁶⁰.

Ora, embora não haja mais nenhum detalhe sobre a divisão de tarefas e de focos entre os pesquisadores, nem sobre a organização logística e mesmo hierárquica entre eles, é claro que a informação que se retém, aqui, é a relativa ao “profundo conhecimento” de Gioconda sobre a cultura caiçara. Entretanto, a frase, longe de levar a conclusões, constitui mais uma questão a ser resolvida: como complementá-la com evidências que documentem os passos que levaram a assistente de Willems a adquirir essa experiência? Pois o problema é que até esse mês de julho de 1947 Gioconda apenas publicara os seus artigos sobre “o cerco da tainha” e “o cerco flutuante” (1946 e 1947, respectivamente), mas sobre as suas pesquisas na Ilha de São Sebastião (período, duração, equipe, condições etc.), de onde resultaram os dois artigos, nada sabemos. Trata-se, na realidade, de uma dúvida que, no estado atual da pesquisa, dificilmente será resolvida. Mas em volta dela gira a possibilidade de esclarecimento do que se mantém como o problema principal desta investigação: a reconstrução da atividade antropológica de Gioconda Mussolini *sobre o tema da pesca artesanal*.

A sua colaboração na *Revista de Antropologia* é a outra face de uma medalha já mostrada pelo depoimento de Eunice Durham:

naquele tempo nós, os assistentes, constituíamos uma espécie de extensão do catedrático. Éramos então três: Gioconda Mussolini, Ruth Cardoso e eu e éramos designadas para escrever resenhas e auxiliávamos na correção das provas (três para cada edição)⁶¹.

⁶⁰ WILLEMS, Emilio, “Prefácio”, *in*: -, em colaboração com Gioconda Mussolini, *A Ilha de Búzios*, São Paulo, Hucitec; Nupaub, 2003, p. 14.

⁶¹ DURHAM, Eunice, “Depoimento”, *Revista de Antropologia*, 46 (2), 2003, p. 362.

Gioconda participa do Conselho de Redação desde a fundação da revista até o seu falecimento, Ruth Cardoso e Eunice Ribeiro passam a participar na administração da revista assim que entram na estrutura da Cadeira. E João Baptista Borges Pereira corrobora:

A Revista de Antropologia foi um ato pessoal, heróico de Schaden. Não foi um ato institucional, porque se dependesse da instituição não haveria a *Revista*, nunca. Ele é que fundou a *Revista*, ele que a idealizou. Quando eu vim pra cá, a Antropologia era extremamente minoritária, em todos os sentidos. Tanto qualitativa como quantitativamente. Só havia a Gioconda Mussolini e o Egon Schaden.⁶²

Nesse quadro, o derradeiro esquecimento é o fato de a *Revista de Antropologia* não ter noticiado, nem mesmo num costumeiro e anônimo obituário, a morte de Gioconda Mussolini. Sobre o falecimento dela, aliás, só há mesmo o depoimento de Ruth Cardoso⁶³, que relata ter levado a colega para casa, de carro, depois de uma aula ministrada, à noite, na nova Cidade Universitária, o que acontecia corriqueiramente sempre que os horários das duas coincidissem. Como, sempre, Ruth deixou Gioconda na frente da sua casa, na Vila Pompéia. Soube, no outro dia, que Gioconda subiu as escadas do sobrado, entrou no seu quarto, teve o rompimento do aneurisma cerebral, desmaiou e caiu ao chão. Socorrida pela irmã e levada a um hospital, morreu dois ou três dias depois, no dia 29 de maio de 1969.

5. Navio fantasma.

Esse é uma parte do emaranhado de vozes que perfazem o coro da ópera e da obra de Gioconda Mussolini. A elas, logo acrescentaremos a

⁶² MARRAS, Stelio, Pessoa e instituição - entrevista com João Baptista Borges Pereira, *Revista de Antropologia*, 46 (2), 2003, p. 327.

⁶³ Entrevista, maio de 2007.

própria voz de Gioconda, contida nas cartas enviadas a Florestan Fernandes, conservadas na Universidade Federal de São Carlos, as únicas de quem se tem notícia mas de cujo teor ainda nada sabemos.

Parece-me razoável, entretanto, afirmar que esse coro já atende a um dos objetivos principais da pesquisa: a definição inicial do lugar ocupado por Gioconda no campo da antropologia brasileira. É certo que essa definição será mais completa depois da leitura mais atenta da sua produção escrita e do rastreamento da sua fortuna crítica. Mas as narrativas até aqui disponíveis também confirmam uma hipótese inicial: elas silenciam sobre o conteúdo propriamente epistemológico, teórico e metodológico dessa posição disciplinar. A trajetória de Gioconda está clareada, mas as vozes que contribuíram para o seu delineamento (depoimentos, documentos e cruzamentos) ainda permanecem aquém do que seria necessário clarear. Vida e obra ainda estão em posições mutuamente assimétricas. Temos esqueleto, carne e sangue, mas falta a figura inteira.

Nesse sentido, a lacuna mais grave está fora das possibilidades das narrativas: onde estão os originais da tese de doutorado inacabada? E por que ela ficou inacabada? E qual a relação entre a carreira institucional de Gioconda e o fato de a tese ter ficado inacabada e não ter sido defendida? Qual o verdadeiro papel dessa tese (e da “falta” dela) nas disputas em torno da sucessão e da chefia da cadeira de Antropologia da FFCL, sobretudo em 1967? E, finalmente, qual o papel do fato de Gioconda estar no meio dessas disputas a partir de uma posição de gênero, única mulher num meio hierarquicamente masculino?⁶⁴

⁶⁴ Sobre esse ponto, sou grato à generosa e estimulante interlocução da professora Laura Moutinho, a docente mais recentemente contratada pelo Departamento de Antropologia da USP, em 2006, legítimo ponto de chegada para uma discussão dedicada à primeira professora desse mesmo grupo.

A morte de Irma, a irmã com quem Gioconda viveu longos anos, ocorrida pouco depois do seu próprio falecimento, e a impossibilidade de encontrar rastros do querido sobrinho, Sívio Mussolini Morello, na mata imensa da cidade de São Paulo, deixa poucas esperanças de se conseguir acesso aos originais da tese. Segundo depoimento de Antonio Candido, eles estiveram nas mãos do prof. Edgard Carone, amigo pessoal de Gioconda, que, depois de ter organizado a edição do volume *Ensaio de antropologia indígena e caiçara*, em 1980, pretendia fazer o mesmo com a tese:

Posteriormente, pretendemos divulgar outros [trabalhos], entre eles a tese preparada para o Doutorado, a que a autora provisoriamente deu o título de *Persistência e cultura em Ilhabela*, e que seria defendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo⁶⁵

A essa tese Gioconda se refere, no currículo de 1965, sempre na terceira pessoa: “Está redigindo a tese de Doutorado sobre ‘Um estudo de Comunidade’, que tem como centro de análise a Ilha de São Sebastião (litoral norte do Estado de São Paulo)”. E só. Como já frisado anteriormente, ninguém sabe dizer mais sobre o conteúdo da tese nem sobre o estado em que ela se encontrava. Após o insucesso de Edgard Carone, que não conseguiu apoio para a sua publicação, os originais, ainda segundo Antonio Candido, foram “devolvidos” à família. Com toda probabilidade, a Silvinho.

Mas o ponto, aqui, é a necessidade de avançar, até considerar em que medida a “falta de título” impediu Gioconda de assumir, como todos “esperavam”, a titularidade da Cátedra de Antropologia. Segundo Ruth

⁶⁵ CARONE, Edgard, “Nota Explicativa”, in: MUSSOLINI, Gioconda. *Ensaio de antropologia indígena e caiçara*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, pág. 16.

Cardoso⁶⁶, houve uma tentativa de proposta de contratação temporária de um docente estrangeiro, que servisse de “tampão” entre a aposentadoria de Schaden e a defesa da tese de Gioconda. Mas é ainda a professora Ruth que observa que “apesar da alta estima e admiração que colegas e estudantes tinham por Gioconda Mussolini, nunca lhes passou pela cabeça contestar o sistema que impedia que uma pessoa sem o título de doutor ocupasse a cátedra”⁶⁷. Está aqui o nó do não? O fato é que ninguém que possa, hoje, testemunhar nessa matéria estava, à época, distanciado dos acontecimentos. Os embates, inclusive, ultrapassavam a cadeira de Antropologia, se, pouco depois da nomeação de João Baptista Borges Pereira, as duas amigas de Gioconda, Ruth Cardoso e Eunice Durham abandonam a cátedra e passam para a área de Ciência Política, que, por sua vez, pouco tempo, antes, havia sido terreno da disputa entre a própria Paula Bieguelman e Fernando Henrique Cardoso, egresso da cadeira de Sociologia, que sairia vencedor, graças, sobretudo à intervenção de Florestan Fernandes – fato, aliás, que proporcionou uma rápida mas intensa “ruptura” entre Florestan e Gioconda, amiga fiel de Paula Bieguelman, como vimos.

São escassíssimas, pois, as narrativas que permitam esclarecer essa questão. Na falta delas, portanto, não há, ainda, como escapar da fria norma regimental vigente à época. Mas há um outro caminho que nos leva a reencontrar a dor de ser mulher, no destino de Gioconda Mussolini.

Todos, mas sobretudo as mulheres, são enfáticos em descrever uma Gioconda angustiada por não ter se “realizado” no casamento: praticamente abandonada no altar duas vezes, a primeira vez por um colega da Faculdade (e de outros momentos institucionais), Mário Wagner Vieira da Cunha (mais tarde, transferido para o Instituto de Administração

⁶⁶ CORRÊA, Mariza, A Antropologia no Brasil (1960-1980), *in*: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. II, São Paulo: Editora Sumaré, 1995, p. 55.

⁶⁷ *Ibidem*.

da USP, do qual será longamente diretor), a segunda vez por alguém totalmente estranho ao meio, um engenheiro argentino que trabalhava na Volkswagen em São Bernardo do Campo. Decorre daí, também, de acordo com elas, a frustração da maternidade não realizada e “transferida” para o sobrinho e afilhado. Ou (avanço aqui a derradeira hipótese deste trabalho) também deslocada para a sua intensa, carinhosíssima relação com os seus alunos, de que temos tantas e significativas evidências. Esta hipótese permitiria diminuir o peso do seu, também tão repetido, excesso de insatisfação consigo mesma que, desde Antonio Candido, parece constituir a versão oficial para a não conclusão da tese e para a relativa escassez dos seus trabalhos publicados. Mas como admitir um cenário em que a mais amada entre todos os professores de Ciências Sociais da FFCL abre mão de peças importantes na sua trajetória institucional para substituí-las por um conjunto de afetividades oriundo de frustrações tão íntimas? Parece-me que mais do que questionarmo-nos sobre a viabilidade dessa hipótese, cabe refletir se isso poderia ser objeto de narrativas; em outras palavras, se isso teria uma forma de revelabilidade, por parte das tantas pessoas que, interrogadas a respeito de Gioconda, se dispuseram, com entusiasmo, carinho e um toque de indisfarçável saudade, a falar dela. Essas pessoas foram todas (menos Antonio Candido), alunas da professora Gioconda e, mais tarde, colegas dela. Podiam perceber isso, à época? Podem revelá-lo, agora? Não é o mais intrigante segredo que ela nos lega, mas é algo que aponta para a inadiável necessidade de insistir no desvelamento desse e de outros segredos, certamente capazes de iluminar mais e melhor um momento decisivo da história da antropologia no Brasil, e, ao mesmo tempo, para a adequação do método biográfico aqui testado.